

No dia 12 de junho de 2022, quando comemorou-se o Dia dos Namorados no Brasil, a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz escreveu um texto em seu perfil no Instagram, recomendando um de seus filmes favoritos, “Blade Runner, o Caçador de Andróides” (1982, de Ridley Scott). Pouco menos de um mês antes – mais precisamente, em 17 de maio de 2022 – falecia o compositor da trilha musical, o grego Evángelos Odysséas Papathanassiú, conhecido mundialmente como Vangelis [1943-2022]. Temos motivos suficientes para rever esta obra-prima?

Aprioristicamente, não há mais nada a ser acrescentado às variegadas análises que foram feitas sobre este clássico inicialmente subestimado da cinematografia estadunidense. Quando foi lançado, ele resultou num fracasso de bilheteria, o que foi ressignificado a posteriori, quando veio à tona a versão particular do diretor, sem a narração em ‘off’ e o final feliz imposto pelos produtores. Os críticos ocuparam-se em diagnosticar a genialidade da obra, que converteu-se em objeto de culto. E, quanto mais revemos este extraordinário filme, mais descobriremos algo sobre ele – e, por extensão, sobre nós mesmos...

Em seu breve mas contundente texto, a antropóloga supracitada diz que *“trata-se de uma projeção futurista, entre outros, do fracasso da sociedade ocidental”*. Ela acrescenta que chora sempre que revê o filme, o que é justificado pelo fato de ele ser *“um elogio à ancestralidade que cada um carrega consigo, e à memória afetiva que guardamos e criamos também”*. E enfatiza: se, quando o enredo foi imaginado, 2019 parecia um futuro distante, para nós, este ano fatídico já é passado, mas, ainda assim, *“é parte dessa distopia cujo futuro já chegou”*. E precisamos refletir sobre isto!

Interessantemente, o diretor Ridley Scott, proveniente da Publicidade, intuiu estes aspectos, fazendo com que a direção de arte futurista também remetesse ao passado [vários exegetas notaram que os figurinos do casal central remetem a “Casablanca” (1942, de Michael Curtiz), por exemplo]. A trama é baseada num romance de Philip K. Dick [1928-1982], a quem o filme é dedicado, e a expressão titular adveio de um tratamento que o escritor ‘beatnik’ William S. Burroughs [1914-1997] fez a partir de um romance homônimo publicado em 1974 por Alan E. Nourse [1928-1992]. Em sua acepção original, o terno ‘bladerunner’ [literalmente, ‘corredor de lâminas’] referia-se a um contrabandista de suplementos médicos. No filme, diz respeito a um policial especializado em caçar e matar (o termo correto seria “aposentar”) *replicantes*, que são andróides criados para parecerem *“mais humanos que os próprios humanos”*. No Brasil, entretanto, “caçador de andróides” virou gíria para zombar de heterossexuais que,

eventualmente, fazem sexo com travestis!

Supondo que alguém ainda não tenha visto este filme – se não viste, busque-o imediatamente; se já o viste, reveja –, o protagonista é Harrison Ford, naquele que ele considera um dos papéis mais difíceis de sua carreira. Ele interpreta Rick Deckard, e recebe a incumbência de caçar e “aposentar” quatro andróides que fugiram de um motim espacial. Na diegese, os replicantes são utilizados na execução de trabalhos escravos em colônias localizadas fora da Terra, visto que o nosso planeta é habitado apenas por quem não teve condições de pagar a viagem espacial. Por isso, vemos tantos imigrantes nas regiões depauperadas e chuvosas. Angustiados para conseguirem mais vida, pois descobrem que foram programados com tempo de existência assaz limitado (apenas quatro anos), estes andróides voltam para a Terra, onde são considerados ilegais. Porém, as ordens recebidas por Deckard são conflitantes: às vezes, é-lhe dito que fugiram seis replicantes, e não apenas quatro. E este é apenas um dos múltiplos mistérios que foram melhorados após a disponibilização da versão do diretor, que conta com uma seqüência-chave, na qual Rick sonha com um unicórnio. O que isso quer dizer? (Re)vejam o filme!

Os diálogos do filme são icônicos, como quando a personagem Rachael (Sean Young) é submetida a um teste de perguntas e respostas e, ao lidar com um questionamento sobre a sua reação a uma foto de mulher nua numa revista, ela dispara: *“tu queres saber se eu sou uma replicante ou lésbica?”*. As frases proferidas pelo líder dos replicantes, Roy Batty (Rutger Hauer) são amplamente poéticas, como quando ele diz para um fabricante de olhos que viu coisas terríveis durante o seu aprisionamento nas colônias extraterrenas ou quando, ao constatar a finitude da existência (sobre)humana, lamenta que *“todos estes momentos perder-se-ão no tempo, como lágrimas na chuva”*. Os rompantes de criatividade roteirística são magnânicos, como o reaproveitamento genético de um personagem que sofre de envelhecimento precoce ou as condições que demonstram que as lembranças de uma determinada personagem advêm de implantes projetados por outrem. Sem contar a supremacia da fotografia de Jordan Cronenweth: a seqüência em que Zhora (Joanna Cassidy) é perseguida por Rick é uma das mais belas e tristes de todos os tempos!

Confirme o título deste arremedo de artigo interroga, não há muito o que acrescentar a algo que já é artisticamente completo. Por outro lado, estas linhas têm a intenção explícita de referendar a indicação cinéfila de Lilia Schwarcz, a fim de instigar um hábito que sempre recomendamos nesta coluna: a revisão de filmes, o retorno aos clássicos, a necessidade de

descobrir aspectos inauditos em algo que renova-se a cada contato. Sendo assim, mais que gritarmos que é urgente visitar esta preciosidade da ficção científica, suplicamos: aproveitem com louvor cada instante consciente de vida!

Wesley Pereira de Castro.